

Praga do caracol africano ameaça Belém

O Liberal (Belém)
27 de Março 2004

A Região Metropolitana de Belém pode estar prestes a sofrer com uma grave epidemia causada pelo caracol popularmente conhecido como "Gigante Africano" (*Achatina fulica*). A denúncia foi feita pelo biólogo e pesquisador Expedito Guimarães da Silva. O molusco vem sendo encontrado em várias localidades e vem se tornando uma praga para pequenos produtores agrícolas em todo País. A presença do molusco, em grande quantidade, já foi detectada em Ananindeua, Benevides, Santa Izabel e em alguns pontos de Belém. O Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Meio ambiente e Recursos Renováveis (Ibama) determinaram desde janeiro do ano passado a erradicação do *Achatina fulica* pelos riscos que representam à saúde humana, flora, fauna e agricultura brasileira.

O professor Expedito da Silva explica que esta espécie de caracol foi introduzida no País a partir do início da década de 80, trazida da África por produtores da região Sul, que pretendiam criá-los e vendê-los como escargot. Na verdade o escargot (*Helix spp.*) verdadeiro é originário da Europa, e mesmo sabendo disso estes produtores continuaram com a cultura do *Achatina fulica* sem que houvesse qualquer estudo sobre possíveis danos ambientais e à saúde que caramujos que escapassem de suas criações pudessem causar. A utilização do nome "escargot" para comercializar a carne de *Achatina fulica* foi feita propositadamente, pois os helicicultores sabiam que tratava de outra espécie.

Ele lembra ainda que é preciso se fazer uma diferenciação entre caracóis e caramujos. A espécie que vem causando transtornos à saúde e à agricultura é um caracol. O caracol é um animal cujo o habitat natural é a terra, enquanto caramujos vivem geralmente na água doce ou mesmo salobra. O *Achatina fulica* possui uma concha alongada, diferentemente dos caramujos que possuem a concha de forma ovalada. Os caramujos possuem também uma espécie de "tampinha", o opérculo, que o animal utiliza para fechar a abertura da concha quando está totalmente recolhido no interior de sua concha. Ela serve para proteger o molusco da ação de predadores.

Por ser uma cultura de alto custo o retorno financeiro não foi o esperado pelos helicicultores sulistas e muitos abandonaram as criações depois de irem à falência. Acontece que os moluscos em questão são muito resistentes e se adaptaram rapidamente ao clima tropical do País, possuem ainda uma capacidade de alimentarem de quase tudo. Muitos foram soltos diretamente nas matas do Sul, onde encontraram condições favoráveis para a sua disseminação. Os exemplares adultos dessa espécie atingem até 15 cm de comprimento de concha e mais de 200 gramas de peso total. O rápido crescimento populacional se deu também pelo fato do caracol gigante africano não possuir predadores naturais no território brasileiro.

O *Achatina fulica* possui uma capacidade muito grande de reprodução se comparado a espécies nativas como o caracol aruá da mata (*Megalobulimus oblongus*), também encontrado em toda a América do Sul. O caracol africano é capaz de produzir muitos ovos por ano, de 50 a 400 ovos por postura e cerca de 500 ovos por ano, além do fato de ser hermafrodita, ou seja não precisa de um parceiro para realizar a fecundação dos ovos, ao contrário dos caramujos que dependem de um parceiro para se reproduzirem. O caracol aruá da mata só é capaz de colocar um único ovo por cada postura, esta espécie também corre risco de extinção devido a introdução do *Achatina fulica* no meio ambiente brasileiro.

Cultura do *Achatina fulica* virou perigo para agricultora de vários países

Nos inúmeros países em que foi introduzida, a cultura do *Achatina fulica* tornou-se praga para a agricultura, se alimentando de folhas, flores, frutos ou casca de árvores diversas. Ele ainda é capaz de alimentar-se de ovos de sua própria espécie, ou seja é um canibal. Segundo Expedito Guimarães, alguns pequenos produtores do Estado do Pará já se queixaram da presença do molusco em suas plantações. As espécies agrícolas atacadas com maior intensidade são justamente aquelas utilizadas pelos pequenos agricultores, tanto as utilizadas como fonte de renda: abóboras, alface, almeirão, batata-doce, carás, couve, feijão-vagem, jambu, milho, orquídeas, pepino, pimentão, rami, repolho, taioba, etc. Como culturas de subsistência: abóboras, carás, feijão, mandioca e milho. "Isso mostra como este animal é danoso. Já não basta as pragas naturais que estes pequenos produtores enfrentam, agora tem mais essa trazida de fora do País", diz o pesquisador.

Em janeiro do ano passado, depois de anos sendo alertado pelas constantes denúncias e risco que representam para a saúde pública, o Ministério da Saúde, seguindo orientações do Ibama e outras entidades que pesquisaram o caracol africano, deu início a uma campanha em favor da erradicação do *Achatina fulica* do País. O Ibama também proibiu o cultivo da espécie e a importação de matrizes para o Brasil.

Riscos - A erradicação do *Achatina fulica* do Brasil também é importante por se tratar de espécie envolvida na transmissão do verme *Angiostrongylus cantonensis* (*Parastrongylus cantonensis*). Este verme ainda não é encontrado no Brasil, mas já existem registros em Cuba. Ele é o causador da angiostrongilíase meningoencefálica humana ou angiostrongilose meningoencefálica ou ainda meningite eosinofílica.

O *Achatina fulica* pode hospedar também o verme *Angiostrongylus costaricensis*, agente da angiostrongilíase abdominal, ou angiostrongilose abdominal, doença grave com inúmeros casos já registrados em diversas regiões do País. A doença pode causar a morte da pessoa infectada por perfuração intestinal, peritonite e hemorragia abdominal. Esta doença é muitas vezes fatal e incurável, pois é muito difícil seu diagnóstico e controle, por ter populações de *Achatina fulica* já adaptadas ao território brasileiro. E vivendo em áreas vizinhas aos assentamentos rurais e agora em áreas urbanas.

Um dos problemas da introdução de *Achatina fulica* é que, além de ser transmissor potencial de vermes, é o fato dele ser criado para o consumo humano que traz riscos para a população. Além das pessoas que trabalham diretamente na cultura do animal, podendo no manuseio inadequado contrair as verminoses. A simples manipulação dos caramujos vivos por crianças, muito comum em áreas de favelas, que geralmente não dispõe de saneamento básico, pode acarretar em contaminação, pois os vermes podem ser encontrados no muco corporal dos caramujos, que ele libera constantemente durante seu deslocamento. Eventualmente, o caracol pode contaminar verduras e frutas e disseminar doenças nas culturas, ao deixar seu muco nas folhagens e cascas dos frutos.

Além destes graves problemas, mesmo depois de morto o molusco ainda representa grave risco para a população. Isso foi constatado ao se encontrarem conchas do *Achatina fulica* mortos, que acumularam a água das chuvas, e serviram de criadouro para pequenas populações de *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue e dengue-hemorrágica, no Brasil, e de outras espécies de mosquitos, que podem transmitir também a febre amarela e a malária. Isso representa um risco

enorme para uma região como a Amazônia, principalmente neste período chuvoso e propício ao aparecimento do mosquito transmissor da dengue, além de ser o ideal para a proliferação do próprio *Achatina fulica*, por ser uma região de clima úmido.

As recomendações e orientações para o extermínio dos caracóis africanos, feita pelo Ministério da Saúde, é para que seja feita a coleta dos moluscos, utilizando luvas ou sacos plásticos na mão e posterior incineração do caracol.

No Pará, não se sabe se existe alguma programa de combate ao caracol gigante africano, pois não foi possível até o fechamento desta edição, apesar das tentativas, de se contactar com o Ibama e a Secretária Estadual de Agricultura, para que estes órgãos informassem o que está sendo feito para tentar erradicar esta espécie nociva ao meio ambiente e à população.



FONTE: Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental
www.institutohorus.org.br